

Antes de tudo, é necessário pontuar a percepção do grupo sobre o conceito do Fim do Mundo. Desde a Antiguidade, diversas culturas partilham um fascínio pela ideia do fim. Entendemos que um dos motivos dessa obsessão está no contraste entre a finitude da vida e a eternidade do tempo, criando assim uma ansiedade coletiva em imprimir memórias que serão passadas para outras gerações. A memória de um tempo, a memória de um espaço, a memória de uma sensação, do patrimônio, do desenvolvimento, da vida. A memória, portanto, como ferramenta indiscutível e infalível para a infinitude da vida humana.

A construção da memória formada pelas vivências em um espaço físico pode se dar de diversas maneiras, inclusive por elementos além da própria arquitetura; às emoções, dinâmicas, improvisações, às ações e reações que apenas o corpo físico podem nos proporcionar. Nas últimas décadas o surgimento da internet vêm mudando as dinâmicas da nossa sociedade, e hoje é impossível desassociar a construção da nossa memória contemporânea -seja ela coletiva ou individual- com o uso da tecnologia.

A filósofa norte-americana Alison Landsberg nos ajuda a entender os conceitos da palavra memória; as memórias coletivas são aquelas criadas a partir das experiências próprias, e disseminadas por meio de sociedades e religião. Entretanto, esta formação de memória tem sido fortemente influenciada com o desenvolvimento das mídias de massa, capazes de compartilhar experiências, momentos, tempos e lugares que não necessariamente estão vinculados às suas próprias experiências. Com isso, surge o conceito das memórias protéticas, memórias essas que se caracterizam como próteses implantadas de forma não orgânica, associadas mais à imagens prontas do que própria experiência ou imaginação. As memórias protéticas sendo diretamente atreladas às mídias visuais -cada vez mais crescentes- geram um ciclo que cada vez mais alteram a forma que conhecíamos da criação das nossas memórias íntimas e individuais.

Com a popularização de ferramentas hoje vivemos o que é chamado de "*era da imagem*", e as mídias sociais estão cada vez mais adeptas a essas transformações, optando por conteúdos que possam ser assistidos, escutados e vinculados ao excesso de imagens e ao compartilhamento, assim então perdendo a nossa crítica de leitura, a nossa noção do que é público e o que é privado e fadados a vivenciar a privacidade de todos. Isso nos faz questionar até que ponto estamos compartilhando as nossas memórias, absorvendo as memórias dos outros, e qual a qualidade dessa abundância de informação, que apesar de registrada e irremovível,

existe em excesso e se perde na constante atualização. Como se dá essa sociedade que cresce cada vez mais atrelada a dependência do espaço virtual, sendo que é no espaço público físico que as relações corporais e sensoriais se desenvolvem, assim como é no espaço público que crescemos juntos como sociedade e nos organizamos como coletivo.

É evidente e inegável os feitos positivos e o papel fundamental da tecnologia e da internet nas últimas décadas, mas se por um lado temos a banalização do compartilhamento de imagem, o excesso de informação, e o questionamento da qualidade de conteúdo, do outro lado temos o interesse que tudo isso aconteça e suas consequências: os dados que existem sobre nós, as informações que geramos e como esses dados podem ser usados.

A internet surgiu como a promessa sem precedentes capaz de transformar os meios de comunicação e conectividade, da democratização da opinião, da coleta e armazenamento de dados, sendo uma poderosa ferramenta na globalização e no desenvolvimento do comércio. Segundo Gus Hunter, pensador e crítico sobre os impactos da tecnologia no desenvolvimento da sociedade, nós somos basicamente uma plataforma de sensores, e a tecnologia aparece como uma ferramenta capaz de transformar esses sentidos, memórias e experiências em conteúdos, em dados infinitos extremamente valiosos para os novos meios de produção. E assim, a popularização da internet, que antes parecia um ato democrático e revolucionário, vira poder comercial na mão dos monopólios empresariais e econômicos.

Se hoje vemos a expansão das redes sociais é porque existe uma lógica econômica e governamental por trás que se fortalece com isso. Essas redes são organizadas a partir de algoritmos e propagandas, fazendo parte de uma grande dinâmica do marketing de vendas e colocado dentro de um plano de mercado, escolhendo o que vemos, o conteúdo que acessamos e as propagandas que assistimos, ficando então evidente a consolidação do capitalismo no meio digital através dos grandes monopólios da internet. Mas, como se usar as nossas informações para escolher o que consumimos não fosse o suficiente, é necessário um alerta para a falta de conhecimento do processo que está ainda por trás disso.

O diretor de fotografia Ernesto de Carvalho traz em seu vídeo "Nunca é noite no mapa" uma colocação extremamente necessária para esse debate: se essas redes não são representantes do estado, tão pouco da comunidade, como pode conter esse monte de informações e dados sobre nós, usuários. Quanto mais tempo passamos e usamos das mídias de massa mais estamos suscetíveis a vigilância e

controle, e precisamos entender o que fazem com esse rastreamento e pontuar que essas informações não podem ser divulgadas.

É engraçado que o desfecho do controle dos usuários nas mídias nos levem diretamente ao ponto inicial da nossa conversa: a memória. *"Você sabe onde estava ontem e com quem? O que você estava fazendo? Que tal uma semana atrás? Duas semanas atrás? Como você rastrearia de volta? O seu calendário? Sua caixa de entrada? Seus recibos de cartão de crédito ou carteira digital? Facebook? [...] Você confiaria na sua memória ou na de outra pessoa? Seus dispositivos digitais; seus dados; os dados deles? Você poderia reconstruir tudo? E se você pudesse, o que isso significaria e como poderia ser usado, e por quem, porquê e por quanto tempo?"*

O momento delicado que vivemos hoje com o isolamento social por conta do coronavírus pontua ainda mais essas questões. Isso porque, além de passar mais tempo e depender da internet para nos comunicarmos, foi também liberado o rastreamento dos usuários para o controle de localização dos mesmos. Esse sistema preventivo pode funcionar como combate ao vírus, mas evidenciam a problemática invasiva que os aparelhos têm sobre nós. Se empresas têm o poder de localização e dados de toda a população, esse é exatamente o problema: o porque dessas empresas e como elas utilizam e manipulam dessas informações quando o vírus não faz parte da conversa. É preciso a reestruturação das mídias de massa e a criação de mídias alternativas que sirvam de escape do controle do estado que usa dos nossos dados privados a favor da lógica do capital.

O período de isolamento em massa causado pela pandemia de coronavírus serve hoje como caso de estudo vivo para toda a nossa discussão. A reorganização da sociedade frente à pandemia mostra a fragilidade do espaço público e aponta a internet como refúgio, aumentando então os dados produzidos, as memórias protéticas criadas e reforçando a aparente não necessidade do espaço físico como articulador de relações. Dentro desse novo aspecto das relações, outro espaço tornou-se significativo: das janelas, sejam elas físicas como as únicas conexões com o exterior, ou virtuais, essas que se desdobram em infinitas, atravessam os limites geográficos e são os principais vínculos entre o corpo e o virtual.

Enquanto a tridimensionalidade da janela física funciona como controle para o som, cheiro, ar, luz, ela carrega em si mesma as contradições desse poder, uma vez que, ao usá-la para observação, estamos expondo aquilo que a própria janela mais deveria preservar: nós mesmos. Não seria essa a nossa relação com as janelas virtuais e as redes sociais, onde temos a sensação de poder de escolha ao

acessar algo, mas fornecemos de forma involuntária nossos dados e informações?

Se por um lado as janelas físicas abertas trazem a imprevisibilidade visual do restante daquele único quadrante visível, as janelas virtuais carregam em si a possibilidade da pluralidade, as informações inesgotáveis, o acúmulo e excesso de dados em um fluxo intenso e invisível aos nossos olhos. A janela virtual abre possibilidades de comunicação, conhecimento, trocas e, em ambos os casos, o objeto janela levanta o debate sobre a nossa exposição involuntária.

Como grupo e estudantes de arquitetura, entendemos que o espaço físico e público é um poderoso articulador do nosso caráter social como coletivo, e é exatamente isso que as janelas virtuais por si só não conseguem suprir, fazendo a sociedade encontrar novas maneiras de se comunicar. Neste momento, por exemplo, o *painel* através das janelas se apresenta como uma nova articulação com a mesma, compreendendo um espaço de transição entre o público e o privado. Entender nesse momento -de fragilidade do ser humano- a importância do espaço físico e público como um espaço de manifestação, ecoando vozes, se relacionando através de olhares, é reforçar aquilo que a dinâmica da cidade atrelada a tecnologia vem enfraquecendo: o espaço físico como espaço de conquista. A janela nos traz nesse momento a sensação de coletividade que precisamos na vida real, e pode ser vista como símbolo e também ferramenta da discussão do semestre no estúdio vertical.